ANO 4 :: NÚMERO 30 :: JANEIRO 2022

BOLETIM INFORMATIVO

DOCUMENTOS

Imagem: freepik

Regulamento de avaliação de investigadores foi homologado

Depois de um processo de consulta pública e da introdução de correções de detalhe, o Regulamento de Avaliação do Desempenho do Pessoal Investigador do Instituto de Ciências Sociais (RAPI-ICS) está aprovado em versão definitiva. Homologado por Despacho Reitoral em 29 de dezembro, o documento aguarda agora publicação em Diário da República.

Com 10 Investigadores Juniores e cinco Investigadores Auxiliares, o ICS preparou este regulamento num processo em que participaram as quatro unidades de investigação afetas ao Instituto—o CECS, o CICS-UMINHO, o CRIA-UMINHO e o Lab2PT, um trabalho coordenado pelo vice-Presidente João Sarmento. Na preparação deste regulamento, o grupo de trabalho procurou fazer a transposição, para o ICS, das disposições relativas à avaliação de desempenho estabelecidas para o conjunto da Universidade do Minho, atendendo às especificidades das áreas científicas do ICS. Para além de regular, como o próprio nome indica, a avaliação do desempenho dos investigadores, este documento constitui também, como se lê no preâmbulo, "um instrumento institucional orientado para a criação de condições para que os investigadores desenvolvam e exprimam todo o seu potencial, em alinhamento com os princípios da Carta Europeia do Investigador."

A avaliação do desempenho do pessoal investigador será realizada de dois em dois anos, em quatro parâmetros principais: investigação; transferência e valorização do conhecimento; gestão e outras tarefas, docência e formação.

ÓRGÃOS

Tomada de posse do novo Conselho Científico

Helena Machado, Presidente do ICS, vai dar posse aos membros do novo Conselho Científico, 15 eleitos em dezembro mais nove designados pelos diretores das unidades de investigação. A reunião inaugural do órgão com a nova composição está agendada para o dia 2 de fevereiro. A partir de maio o Conselho Científico terá também novo Presidente, quando for eleita a equipa que vai dirigir o instituto até 2026.

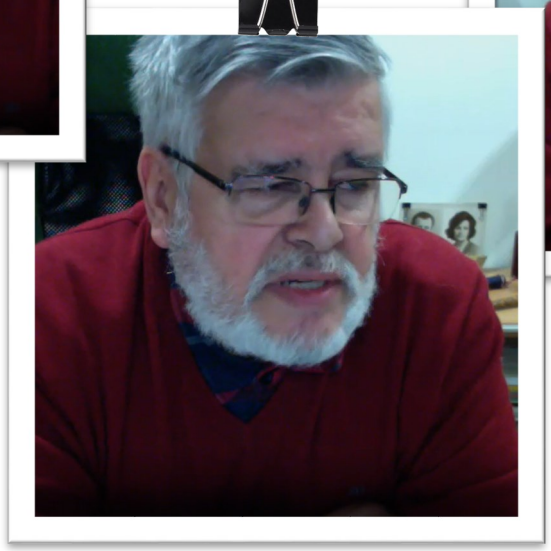
Imagem: unsplash

© ICS 2021

ENTREVISTA

José Meireles Batista

"Eu não fazia ideia do quanto iria gostar de dar aulas"



Saiu da Universidade do Minho com o sentimento de dever cumprido e de grande satisfação. José Meireles aposentou-se em setembro de 2021, depois de um percurso de 41 anos numa instituição que, como diz nesta entrevista, "foi veículo de realização".

Entrevista: Madalena Oliveira

Imagens: capturas de ecrã Zoom

Aposentou-se há 5 meses. Já sente falta da Universidade?

Sinto, sinto falta da Universidade, mas—verdade se diga—eu aposentei-me e três semanas depois estava a dar entrada no hospital. Portanto, só há muito pouco tempo é que me sinto aposentado. Em todo o caso, sinto falta, sim. A Universidade para mim foi a vida quase toda. Eu tenho 67 anos e 41 deles foram passados na Universidade, que foi o primeiro e único emprego que eu tive.

A vinda para a Universidade não foi um fim. Foi um meio, talvez por isso, eu sempre tenha entendido a carreira académica de uma forma muito particular. Eu nunca pensei ser professor universitário. Nunca vi a minha presença na Universidade como uma carreira, como um objetivo final. Aquilo que eu sempre quis fazer foi Arqueologia. A minha paixão sempre foi a Arqueologia e dentro da Arqueologia foi a Pré-História. E eu pertenço a uma geração de autodidatas. Só depois de ter saído da Universidade, de ter concluído a Licenciatura é que haveriam de surgir as formações graduadas em Arqueologia. Desde muito cedo para mim, ficou claro que, se eu quisesse estudar, investigar, trabalhar naquilo que eu queria, o meu futuro só poderia ser procurar uma carreira docente numa universidade. Foi com esse espírito que eu vim e mantive até ao fim.

Nunca entendi as funções diretivas como um peso, a não ser na medida em que foi excessivo.

Mantendo essa paixão...

Mantendo essa paixão e descobrindo depois outras paixões. Eu não fazia ideia do quanto iria gostar de dar aulas. Foi uma descoberta que eu fiz. Tinha angústias, que me acompanharam desde sempre. Apesar de ter andado 41 anos a dar aulas, sempre que ia dar uma aula ia com um aperto no estômago, ia preocupado, nunca dei aulas de improviso. Mas sempre o fiz com a liberdade de fazer porque gostava e não porque tinha uma carreira a fazer ou porque queria ascender ao patamar superior.

E agora? Encerrou totalmente a atividade científica ou tem projetos para esta nova etapa da vida?

Hoje em dia tenho coisas pensadas, não tanto para mim, mas para alunos meus. Há diferentes tipos de Arqueologia e o tipo de Arqueologia que eu fiz sempre exigiu fisicamente muito de mim, a nível de trabalho de campo, de prospeção e de escavação. Hoje já não tenho capacidade física para continuar, mas continuo a ter muito prazer em fazer Arqueologia por interposta pessoa, os meus alunos.

Na Universidade exerceu também algumas funções diretivas. Estas tarefas completaram a sua experiência ou constituíram um obstáculo ao exercício pleno daquilo que se considera a principal missão

do professor universitário?

Sempre entendi essas funções como parte do meu desempenho universitário. Nunca as entendi como um peso. Antes pelo contrário. Senti-as como uma obrigação e como uma necessidade. Uma das coisas de que eu tirei prazer na Universidade do Minho foi a oportunidade que aí tive de criar coisas. E, com outros colegas de Departamento, criei uma série de coisas. Criei cursos, de licenciatura e de mestrado, no âmbito da História e da Arqueologia. Eu entendi a necessidade de assumir responsabilidades nesses projetos como uma consequência. Senti o peso na medida em que foi excessivo. Nós somos poucos. O Departamento de História é um dos departamentos mais pequenos dentro do ICS, pelo que essas funções vão recair quase sempre num número limitado de pessoas. Eu fui três vezes vice-presidente da escola, fui duas vezes diretor de departamento e quase sempre diretor de curso. Houve uma altura em que fui simultaneamente diretor de departamento, diretor de mestrado e vice-presidente do ICS.

Nessa altura com menos tempo para as aulas...

Não, não. Eu cheguei a ter um ano letivo com 22 horas de aulas. Desde que me doutorei, em 1992, quase em 30 anos, gozei meia sabática, não porque não tivesse projetos para desenvolver, mas porque não havia quem desse as minhas aulas.

A Universidade do Minho terá sido um lugar de realização. Também teve frustrações?

Não tive frustrações, porque nunca entendi a Universidade como um fim em si. A Universidade do Minho foi um veículo de realização. Saí com o sentimento, por um lado, de dever cumprido e, por outro, de uma grande satisfação. Não saí amargurado.

Como professor de História/Arqueologia durante quatro décadas, como é que definiria a relevância destas áreas científicas face aos desafios de uma investigação que hoje se orienta, de forma genérica, mais para o futuro do que para o passado?

Eventualmente vamos cair num chavão, mas é incontornável. O passado é a chave para o presente e para o futuro. Se nós queremos entender muito do que se passa à nossa volta, temos de olhar para trás. Eu acho que a História tem e terá sempre o seu lugar numa universidade, no ensino universitário. Claro que hoje o problema é que as pessoas, quando escolhem o seu futuro, não pensam apenas na sua realização intelectual, pensam também, naturalmente, na sua realização material. As profissões de professor ou de arqueólogo não são propriamente as mais bem remuneradas, não têm um horizonte no plano financeiro dos mais chamativos.

Sente que pode estar a acontecer uma crise geracional relativamente ao valor destas áreas, tendo em conta a orientação para as ideias de inovação e competitividade?

Eu tenho uma visão positiva das coisas. A Arqueologia que eu faço tem uma forte componente tecnológica e uma grande afinidade com o mundo das ciências naturais. As ferramentas do universo das tecnologias que estão ao serviço da investigação são tão grandes e tão abrangentes e a disponibilidade que os alunos têm para trabalhar com essas ferramentas é hoje maior do que as que tínhamos de forma tradicional, pelo que acho que a tecnologia pode ajudar.

Temos de descobrir a maneira como vamos ser capazes de pôr essas novas tecnologias ao serviço do tipo de conhecimento que se produz em História e em Arqueologia

Não sente que sejam precisos esforços adicionais para atrair as novas gerações para estas áreas?

Eu sempre tive alunos interessados. Em 41 anos de ensino na Universidade, sempre tive a sorte de ter alunos motivados e com vontade de saber coisas. Como sempre trabalhámos com contingentes pequenos, nunca vi isto como coisa condenada. Cabe-nos também a nós ter vontade e prazer de os desafiar. Estou muito mais preocupado com os efeitos que se têm vindo a sentir com Bolonha. Quanto às tecnologias, temos de descobrir a maneira como vamos ser capazes de pôr essas novas tecnologias ao serviço do tipo de conhecimento que se produz em História e em Arqueologia, para tornar esse conhecimento e essa aprendizagem mais aliciante.

Que relevância tem a Unidade de Arqueologia para a Universidade e para atração de novos talentos?

A Universidade do Minho tem, desse ponto de vista, uma vantagem quantitativa e qualitativa enorme sobre outras universidades. O facto de a Universidade do Minho ter acolhido no seu seio esta estrutura—única em Portugal—foi uma sorte, designadamente para o ICS. A Unidade de Arqueologia é o laboratório-escola, a estação-escola do ICS no que diz respeito ao ensino. Pensar o ensino da Arqueologia sem esta unidade é, para mim, uma impossibilidade ou um tiro no pé. A Unidade de Arqueologia é o suporte físico onde os alunos podem ver a coisa a acontecer.

Com o benefício de estarmos numa cidade bimilenar...

Exatamente. Desse ponto de vista, Braga junta o útil ao agradável. Tem a estrutura, a realidade, a evidência e tem a formação, os alunos e os docentes a explorar esse tipo de recursos. É um caso único e uma vantagem competitiva que a Universidade tem. Eu não tenho dúvidas de que o melhor lugar para aprender certo tipo de Arqueologia é a Universidade do Minho. ⊙

"Eu saí no momento certo, numa altura em que as coisas começaram a pesar muito"

Gostava de ter saído da Universidade num momento que não estivesse tão marcado pela vivência da pandemia. Admite que é "muito emotivo", pelo que lhe custou ver a Universidade vazia. Mas não tem uma visão pessimista nem da Arqueologia nem da Universidade. José Meireles considera que os alunos hoje não são piores do que antes, embora Bolonha tenha possivelmente efeitos negativos em termos de aprendizagem, por causa da diminuição do tempo de formação. Ainda assim, "o importante", diz, "é ser competente" e, para quem é competente, "o futuro não é assim tão mau".

Natural da República Democrática do Congo, onde viveu até aos cinco anos de idade, começou por estudar Direito, mas foi na Arqueologia que se realizou. Da Universidade do Minho—onde considera que se fez muito e bem—guarda boas recordações e um saldo muito positivo, considerando que também no ICS há motivos para se estar orgulhoso do que se faz como escola.

AGENDA

Provas de Doutoramento Agendadas

SOCIOLOGIA

Sérgio Antônio Silva Rêgo

"'Navegar é preciso, viver não é preciso'. Um estudo comparado da produção científica em Revistas Acadêmicas de Brasil, Moçambique e Portugal "

17 de fevereiro de 2022

Realizadas

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Abílio Renato Gomes de Almeida

"O *daytime* televisivo em Portugal: uma análise ao papel do riso nos principais *talk shows* matinais"

25 de janeiro de 2022

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Thaís Luciana Corrêa Braga

"Narrativas jornalísticas sobre o dia do fogo na Amazônia (2019-2020): o caso da Folha de S. Paulo (Brasil) e do Público (Portugal)"

26 de janeiro de 2022

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Valéria Cristina Castanho de Almeida

"Participação política online nos Parlamentos: realidade e possibilidades das plataformas digitais, com um estudo de caso do Senado Federal do Brasil"

31 de janeiro de 2022

HISTÓRIA

Guilherme Pinheiro Pozzer

"A Memória Persistente. A fábrica Sampaio, Ferreira & Cia. em Riba d'Ave: memória, história e patrimônio industrial"

01 de fevereiro de 2022

ONLINE

Departamentos de História e de Geografia têm novos sites

Imagem: freepik

A dificuldade dos Serviços dos Sistemas de Informação e Comunicações da Universidade do Minho (USSIC) para atualizar o software de suporte aos sites de subunidades orgânicas mobilizou a Presidência do ICS no sentido de encontrar uma solução para os sites dos Departamentos de História e Geografia. Embora as principais unidades da Universidade utilizem a aplicação SharePoint da Microsoft, os novos portais destes departamentos foram criados em Wordpress. Sendo um sistema mais amigável do ponto de vista da edição, este interface permite também maior flexibilidade do ponto de vista gráfico.

Os novos sites apresentam informação sobre o funcionamento dos departamentos (órgãos e docentes), com especial destaque para as respetivas ofertas formativas. Estão também ligados ao site do ICS na referência específica a eventos calendarizados. Os espaços na web dos Departamentos de Ciências da Comunicação e de Sociologia já tinham sido também objeto de processo semelhante.

Imagem: freepik

Expositores no átrio do ICS

Inaugurado em novembro, com uma exposição de fotografias sobre representações da mudança, o conjunto de expositores suspensos instalados no átrio do edifício sede do ICS foi pensado para criar um espaço de exibição visual. Com suportes para registos no formato A4 e no formato A3, esta área poderá acolher exposições temporárias promovidas por docentes, investigadores e estudantes, bem como informação institucional relativa à oferta formativa e outras atividades do instituto. O ano de 2022 estreou-se com uma galeria de fotografias de Sofia Gomes, investigadora do CECS, intitulada "Braga sem vivalma" e alusiva ao confinamento em pandemia.

Ofertas de emprego e concursos para bolsas de investigação

Informação no site do ICS

© ICS 2022 Gabinete de Comunicação e Extensão do ICS